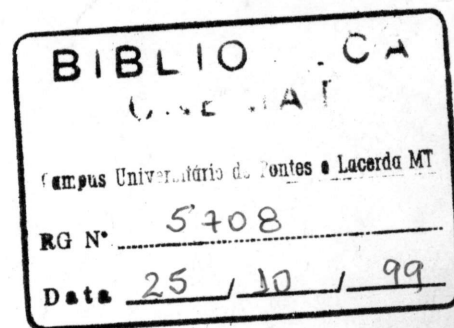


ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ANÁLISE DO DISCURSO E TEORIA DA ENUNCIÇÃO:
DUAS PERSPECTIVAS PARA O SUJEITO

José Geraldo da Silva

Pontes e Lacerda, MT
1997



Turma 1997/1

Ex. 01

SUMÁRIO

I - Apresentação

II- O sujeito sob diferentes teorias

a . Um pouco de contexto;

b . Teoria da Enunciação;

c . Teoria da Análise do Discurso.

III- Análise do Texto

IV- Considerações finais

V- Anexo

VI- Bibliografia

*Às professoras Eliana e Maria Inês, que
muito colaboraram, antes e no decorrer de
nosso trabalho, com sinceridade e muita
admiração dedico-lhes todo o meu carinho.*

“A relação do aluno com o universo simbólico não se dá apenas por uma via - a verbal -, ele opera com todas as formas de linguagem na sua relação com o mundo. Se considerarmos a linguagem não apenas como transmissão de informação mas como mediadora (transformadora) entre o homem e sua realidade natural e social, a leitura deve ser considerada no seu aspecto mais conseqüente, que não o de mera decodificação, mas o da compreensão”.

(Eni Orlandi)

APRESENTAÇÃO

O meu interesse em recortar como objeto a análise comparativa entre as teorias da Enunciação e Análise do Discurso, neste ensaio à pesquisa monográfica, teorias estas, a partir das quais pretendo focalizar o sujeito, dá-se pelo fato de que o professor necessita do conhecimento de suportes teóricos para sua prática de ensino.

Tal afirmação está sustentada nos lingüistas que têm postulado a respeito nos últimos anos, como por exemplo, João Wanderley Geraldi (1984) que diz:

“Pois antes de qualquer consideração específica sobre a atividade de sala de aula, é preciso que se tenha presente que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade”.

A fundamentação teórica sob a qual o professor deveria estar submetido, conscientemente, é algo que estará contribuindo para sua própria construção e seu crescimento na prática educacional, tornando-se um educador mais preciso, ágil, seguro e coerente.

Neste trabalho serão analisados os enfoques teóricos dados ao sujeito, visto que não existe linguagem sem sujeito e que o sujeito constitui-se elemento fundamental para a linguagem, já que também não existe sujeito sem linguagem.

Visualizar o sujeito sob o enfoque das teorias da Enunciação e do Discurso se dá pelo fato de que ao fazê-lo, estaremos abrindo campo para refletirmos sobre outros aspectos discutidos pelos lingüistas, ou seja, analisando o sujeito, faz-se necessário um desdobramento da causa para a análise da constituição do sentido, condições de produção, historicidade, etc.

Neste ensaio monográfico tentaremos mostrar como o sujeito é concebido por estas teorias. Primeiramente faremos uma retomada bibliográfica das teorias da Enunciação e do Discurso e a seguir tomaremos de uma produção de texto de aluno do 2º Grau para uma análise do sujeito a partir das duas perspectivas teóricas.

O SUJEITO SOB DIFERENTES TEORIAS

Um pouco de contexto

O sujeito é estudado por diferentes teorias lingüísticas com bastante afinco. Pesquisadores e lingüistas muito têm se preocupado com o aprofundamento teórico sobre o sujeito e têm se empenhado a respeito, à luz de diferentes teorias.

Neste ensaio, refletiremos sobre o sujeito apenas nas perspectivas da teoria da Enunciação e Análise do Discurso, que vêm se despontando nestes últimos anos no cenário dos estudos lingüísticos. Antes, porém, reportaremos-nos ao perfil da Gramática Normativa, para diferenciá-las melhor.

O enfoque dado pela Gramática Normativa aos estudos sobre o sujeito restringe-se à taxionomia¹, herança grega, pelo fato de estudar o sujeito dentro da oração com o objetivo de apenas classificá-lo e denominá-lo. *“É da antigüidade grega a origem das classes de palavras ainda hoje em voga na educação das línguas modernas. Deve-se a Platão a divisão da oração em dois termos: sujeito e predicado”*. Ramanzini (1990).

Primeiramente foi a Gramática Normativa que postulou sobre o sujeito, abrindo fendas para que outras teorias pudessem estudá-lo.

No desenvolvimento deste trabalho pretendemos analisar um mesmo enunciado a partir das duas teorias, com o objetivo de mostrar como se apresenta o sujeito em cada teoria, pois é visto de maneiras diferentes nessas teorias.

Primeiramente vamos apenas recordar uma possibilidade de análise na perspectiva da Teoria Gramatical Normativa, tomando um enunciado proferido pelo presidente do SINTEP (Sindicato dos Trabalhadores da Educação) durante uma assembléia dos profissionais da educação:

“A educação é uma arma popular”.

Analisando o enunciado acima sob a luz da Teoria Gramatical Normativa podemos perceber que trata-se de um sujeito simples e restrito à frase, ou seja descontextualizado de qualquer contexto enunciativo. Na Gramática Normativa o sujeito é aquele da estrutura da frase, por isso usa-se fazer perguntas para localizá-lo, a partir da própria frase:

— *Qual seria a arma popular?*
— Educação.

O sujeito, conforme a Gramática Normativa, seria “educação” e ainda o denominaríamos de sujeito simples por constar apenas de um núcleo.

A Gramática Normativa afirma que o sujeito é um dos termos essenciais da oração e que é mais lógico que sintático, *“pois uma linguagem, seja qual for, deve articular-se sobre outra coisa além de si mesma, é feita para falar de algo além dela própria”*. Ramanzini (1990).

¹ Ciência da classificação das palavras.

Na Teoria Gramatical Normativa podemos perceber contradições, como por exemplo, quando encontramos orações sem sujeito. Podemos concluir que, se o sujeito é o termo essencial da oração, como postula, como ter orações sem a sua essência, que seria o sujeito? A Gramática Normativa coloca o sujeito como integrante, subordinado e dependente do verbo e ainda complemento deste. Estas são algumas características que possuem o sujeito na perspectiva da Gramática Normativa.

Tudo quanto expressamos, falamos ou escrevemos pode ser analisável à luz de teorias, basta que tomemos seus diferentes corpos teóricos como lugares epistemológicos para enxergarmos o objeto. Como diria Saussure, *“bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto”*. Saussure (1958).

Para melhor contextualização dessas teorias, a partir das quais nos propusemos aprofundar - Teoria da Enunciação e Análise do Discurso - buscaremos entender como elas começaram a desenvolver-se nas universidades brasileiras, especificamente nos cursos de Letras.

“Em meados dos anos 70 e no início dos anos 80, a teoria da Enunciação e Análise do Discurso, vindas da França, começam a aportar nos cursos de Letras das universidades brasileiras, depois de uma longa hegemonia da lingüística da língua, estruturalista ou gerativo transformacional (...). É, sobretudo, em relação ao campo da leitura e redação em estado lamentável, deplorável, na perspectiva dos homens de Letras das últimas décadas, mas pouco ou nada ajudados pela lingüística da linguagem que se vislumbra a fertilidade aplicativa da teoria da Enunciação e da teoria e/ou Análise do Discurso”. Ramanzini (1990).

Podemos dizer que faz diferença pensar o objeto numa e/ou n' outra teoria, pois o conhecimento dessas diferenças teóricas é que estarão orientando as diferentes práticas do professor para um melhor desenvolvimento no seu campo de trabalho.

Teoria da Enunciação

A Teoria da Enunciação, por sua vez, vem tendo uma grande aceitação, no cenário científico e diversos lingüistas aprofundam ainda mais seus conhecimentos estudando sobre as marcas da presença do enunciador nos enunciados, característica primordial dessa teoria. Por isso, logo de saída é necessário diferenciar os conceitos de enunciador, enunciado e enunciação.

Quando falamos em enunciador, estamos falando do sujeito de sua própria fala, ou seja, aquele que se apropria da língua para realizar individualmente o enunciado. O enunciado trata da essência do processo de enunciação, consideradas as condições restritas de produção (tempo, lugar, papéis representados pelos interlocutores, imagens recíprocas, objetivos visados na interlocução), porque aos lingüistas não basta descrever os enunciados efetivamente produzidos pelos falantes de uma língua, é preciso levar em conta a enunciação, ou seja, o evento único e jamais repetido do enunciado, que é o contexto enunciativo.

Consideramos que a enunciação é o elemento principal dessa teoria, ficando com o que serve de propósito direto para unir o alocutário ou locutor, ou melhor, é o meio pelo qual o falante e ouvinte utilizam para colocar a língua em funcionamento, ou seja, são as condições de produções enunciativas dos sujeitos falantes.

Na lingüística, quando falamos de enunciação, *“não se visa nem o fenómeno físico de emissão ou recepção da fala, que depende da psicolingüística ou de uma de suas subdivisões (...) aqui os elementos pertencentes ao código da língua e cujo sentido no entanto depende de fatores que variam de uma enunciação para outra; por exemplo, eu, tu, aqui, agora, etc. Em outras palavras, o que a lingüística retém é a marca do processo de enunciação no enunciado”*. (Ducrot e Todorov).

Os estudos da Teoria da Enunciação tornaram-se mais precisos a partir de Benveniste, seu protagonista maior. Logo definiu-se os primeiros elementos constitutivos do processo de enunciação que são: *o locutor*, aquele que enuncia; *o alocutário*, aquele a quem é dirigido o enunciado e ambos são chamados de *interlocutores*.

Como todas as teorias possuem seus corpos de definições distintos, a Teoria da Enunciação não poderia ser diferente. Ela toma alguns elementos do uso lingüístico para definir seu postulado, tais como: os pronomes pessoais da 1ª e 2ª pessoa; os pronomes demonstrativos; os advérbios e os adjetivos denominados relativos, os tempos do verbo, organizados sempre em torno do presente, caracterizando o tempo da enunciação.

Aqueles verbos que na primeira pessoa do singular, no presente do indicativo, efetuam por si mesmos a ação que designam, caracterizam o processo de enunciação e os pronomes eu e tu permitem apenas identificar os protagonistas da enunciação. Podemos detectar na Teoria da Enunciação alguns aspectos que servem para visualizar melhor a teoria.

Tratando-se da realização vocal da língua, esta é o sistema que usamos para emitir o enunciado, que são as emissões e alterações de sons. Os sons, mesmo que sejam iguais, não são produzidos exatamente, pois dependem de cada sujeito e das diversidades das situações nas quais o enunciado é produzido, como o momento exato, o estado em que se encontra o sujeito da enunciação e também da tonalidade de voz que ele aplicar no enunciado, podendo distorcer totalmente o sentido ou não.

Na teoria da enunciação obtemos o processo de apropriação pelo sujeito, que acontece quando o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição. A partir deste ato enunciativo, implanta-se um outro diante de si que chamamos de ouvinte ou alocutário, podendo, em certos momentos, um ou outro ser locutor ou alocutário, conforme o ato enunciativo que se desenvolver. Quem apropriar-se da fala será enunciator ou locutor e o outro, alocutário ou ouvinte.

Neste processo de apropriação podemos sentir a presença do homem na língua, é o indivíduo sendo sujeito onipotente de seu enunciado, o dono de suas palavras. Portanto, o sujeito da teoria da enunciação é um sujeito consciente, onipotente e absoluto, que tem controle sobre “o que” diz e do “porquê” que diz.

Falamos da realização vocal da língua e do processo de apropriação da língua pelo sujeito e agora discorremos um pouco sobre as formas temporais que são tão importantes quanto os aparelhos formais da enunciação, que se fazem necessários nesta perspectiva teórica.

A temporalidade *“é produzida, na verdade, na e pela enunciação. Da enunciação procede a instauração da categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo. O presente é propriamente a origem do tempo (...) O homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo”*. (Benveniste).

A realização do homem através da inserção do discurso no mundo é feita pela e através da linguagem. Existem conceitos sobre a linguagem que são bastante

discutidos hoje, mas que já se passaram por verdades e ainda são verdades para muitos, principalmente àqueles que não tiveram a oportunidade de conhecer as novas teorias que estão surgindo a respeito da língua. Teorias estas que a maioria dos profissionais de Letras não sabe pelo menos que existem.

Segundo a Teoria da Enunciação, não podemos ter a linguagem apenas como um instrumento, pois instrumento é coisa criada pelo homem e, não foi o homem quem criou a linguagem, pois esta está na constituição humana, não podendo nunca o homem estar separado dela. *“E na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito, porque só linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego”*. Benveniste (1995).

O homem pode ser reconhecido pela linguagem, pois é usando da linguagem que ele dará suas características próprias, e determinará o *status* lingüístico de sua pessoa, podendo descobrir a que religião pertence, grupo social, descendência, etc.

Outro aspecto importante na linguagem, para a Teoria da Enunciação, é a relação do *eu* e *tu*, os quais um não existe sem o outro. No processo de comunicação toda vez que falamos, estamos dirigindo este enunciado a alguém. Como falaríamos sem o objetivo de estarmos enunciando, informando ou mantendo contato com outras pessoas? Mesmo que o ouvinte não esteja presente, é imprescindível a relação do locutor e alocutário no processo de comunicação. *“É na instância de discurso na qual eu designa o locutor que este se enuncia como sujeito. É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua (...). A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor apropriar - se da língua toda designando - se como eu”*. Benveniste (1995)

Na Teoria da Enunciação podemos perceber o sujeito onipotente, dono do seu dizer e com o domínio sobre a sua enunciação, aspecto este completamente diferente da teoria Gramatical Normativa que traz um sujeito na estrutura frasal, taxionômico, sem aberturas para outros campos de análise, a não ser aquele fechado à estrutura da frase.

Retomaremos o enunciado que trabalhamos com a Teoria gramatical Normativa, porém, desta feita, sob o olhar da Teoria da Enunciação.

“A educação é uma arma popular”.

Este enunciado foi proferido pelo Presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Educação (SINTEP) num contexto enunciativo de assembléia com os profissionais da educação.

A Teoria da Enunciação analisa a linguagem no seu uso, tornando mais abrangente seu campo de estudo da língua, em relação à Gramática Normativa. Porque para a Teoria da enunciação todo enunciado, para ser analisado, deve ser tomado no seu momento de enunciação, que é o contexto situacional imediato, enunciadores e destinatários. Assim, os sentidos são veiculados e dirigidos pretensiosamente pelos enunciadores nos seus contextos enunciativos, pretendendo instaurar os mesmos sentidos nos seus destinatários. Dizendo de outro modo, a Teoria da Enunciação opera com a concepção de um sujeito onipotente, dono do dizer, pois acredita ter conhecimento dos processos de constituição dos sentidos.

Ducrot, semanticista das últimas décadas e filiado às teorias enunciativas, afirma que *“são as múltiplas ocorrências possíveis de um enunciado nas diversas*

situações que o empregamos". Ducrot (1969). Ducrot, nos seus semânticos, postula sobre os conceitos de sentidos pressupostos e sentidos subentendidos. Para ele, os sentidos pressupostos estão ligados intrinsecamente ao aspecto literal de um enunciado. Diríamos então que a pressuposição se dá a partir de um enunciado posto que acarreta um desdobramento de sentido inalterável, mesmo que o enunciado posto possa sofrer alterações na sua construção, ou seja, passar de um enunciado afirmativo, para negativo ou interrogativo.

No enunciado que tomamos para nossa análise teórica comparativa, "*A educação é uma arma popular*", não apresenta o fenômeno da pressuposição, visto que se alterarmos o posto, haverá certo acarretamento de sentidos alterados. Ex.:

Posto = "*A educação é uma arma popular*".

Acarretamento = "O povo deve se armar com a educação no combate com as classes dominantes".

Tomado o mesmo enunciado posto negativa ou interrogativamente o acarretamento do sentido seria afetado semanticamente.

Por um outro lado, ao concebermos sentidos subentendidos como aqueles que estão ausentes do enunciado, portanto inferências do contexto enunciativo, podemos dizer que o mesmo enunciado direciona sentidos pretendidos pelo enunciador nas suas condições de produção situacionais. Como por exemplo:

Enunciado Posto 1 = "*A educação é uma arma popular*".

1 a = "O povo deve se armar com a educação".

1 b = "Quem quer se armar é porque está em guerra".

1 c = "O povo está em guerra contra a elite".

1 d = "Um povo educado jamais será enganado".

Nesta perspectiva podemos entender que o enunciador, presidente do SINTEP, assume um discurso idealista sobre a educação, colocando-a como elemento redentor das diferenças sociais e econômicas do país. E mais, acreditando que seu dizer tem a origem em si mesmo.

Teoria da Análise do Discurso

Para a exposição teórica da Análise do Discurso, a partir da qual também procuraremos enfocar os conceitos operados sobre o "sujeito", fundamentar - nos - em Pecheux, Maingueneau, e Orlandi, linha francesa. Esta perspectiva teórica da Análise do Discurso tem seus pressupostos calcados no materialismo histórico, por isso enxerga a linguagem na sua relação com as condições de produção, que são históricas e sociais.

Cito aqui um trecho que Brandão reforça essa idéia dizendo: "*a região do materialismo histórico que interessa a uma teoria do discurso é da superestrutura ideológica ligada ao modo de produção dominante na formação social considerada*". (Brandão 1995 - 37).

Eni Orlandi também diz que *“o estudo da linguagem não pode estar apartado da sociedade que a produz. Os processos que entram em jogo na constituição da linguagem são processos históricos e sociais”*. (Orlandi 1988 - 17).

A Análise do Discurso define seu corpo teórico, a partir da concepção de: discurso, ideologia, língua, interdiscurso, condições de produção históricas, entre outros conceitos.

Tratando - se do discurso, este é a inscrição do sujeito numa dada formação discursiva, ou seja, *“o efeito de sentidos entre os interlocutores”*, Pêcheux (1969). Este discurso tem suas bases no campo do dizível, no universo do interdiscurso, onde são produzidas as formações ideológicas. O sujeito da Análise do Discurso diferencia-se do sujeito da Teoria da Enunciação, pois tudo o que diz, diz a partir do Outro, visto que existem formações ideológicas que determinam o seu discurso.

A Análise do Discurso concebe as condições de produção como o que determina os sentidos e se constitui dos sujeitos, falantes e ouvintes, contexto enunciativo e contexto histórico social. Os processos de constituição dos sentidos relacionam - se com o interdiscurso, onde são determinadas as diferentes formações discursivas. A formação ideológica é que vai determinar o discurso do sujeito, a partir das suas condições de produção. Este sujeito é interpelado por esse ou aquele sentido, que também são constituídos historicamente. Uma formação discursiva se constitui a partir da repetição de sentidos e coerência ideológica, mesmo que com formulações diferentes.

No universo do interdiscurso há tantas formações ideológicas quantas possíveis. Porém, ao enunciarmos numa dada formação discursiva, apagamos os outros sentidos existentes no interdiscurso.

O sujeito, na Análise do Discurso, não é intencional como na Teorias da Enunciação, mas ocupa um lugar social e ideológico. Por isso podemos dizer que não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia. A linguagem para Análise do Discurso é eminentemente ideológica, porque retrata a inscrição ideológica do sujeito que a enuncia. Como diz Helena Brandão: *“Na reprodução das relações de produção, uma das formas pela qual a instância ideológica funciona é a da interpelação ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico”*.

Para a Análise do Discurso a linguagem e a exterioridade se constituem mutuamente e determinam o sujeito e os sentidos. A Análise do Discurso *“procura conhecer esta exterioridade pela maneira como os sentidos se trabalham no texto, em sua discursividade. E afinal esta noção de exterioridade que, ao se especificar na Análise do Discurso, se de um lado, transforma a noção de linguagem, pensando sua forma material, desloca também a própria noção de social”*. (Entremeio e Discurso - 1993).

Portanto, pelo fato de o sujeito ser constituído na história, ele é ideologicamente determinado, como afirma Eni Orlandi : *“de acordo com a Análise do Discurso, o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio - histórico em que as palavras são produzidas”*. Orlandi (1998 - 58).

Da mesma forma que analisamos o enunciado *“A educação é uma arma popular”* à luz da Teoria da Enunciação, o analisaremos também a partir da teoria da Análise do Discurso.

Pudemos perceber que a Gramática Normativa faz seus estudos a partir da superfície lingüística, tratando da frase isolada dos contextos, tanto enunciativo,

quanto histórico. Por isso é um lugar teórico criticado pelos dissidentes de outras teorias lingüísticas mais recentes, como já vimos anteriormente.

Tomando o enunciado em análise,

"A educação é uma arma popular".

a partir de sua materialidade lingüística, podemos caracterizá-lo como um desses chavões ou clichês usados pela categoria de profissionais da educação. Caracterizamos como clichê todo e qualquer tipo de enunciado estereotipado e sedimentado por instituições, entidades, partidos políticos, etc. Tais chavões ou clichês veiculam sentidos institucionais, se encarregam de criar denominações e instaurarem sentidos pré-construídos. Quando um sujeito o enuncia, já não questiona os sentidos, pois acredita que tais sentidos estejam na evidência da materialidade lingüística e, portanto, são caracterizados como óbvios.

Podemos perceber, através da repetição desses clichês, o assujeitamento discursivo do sujeito, pela imposição da ordem do discurso institucional. Na instituição os discursos se sedimentam e se estereotipam, impondo-se como absolutos e óbvios. Assim é o enunciado em análise *"A educação é uma arma popular"*, que está sendo proferido num período crítico da política matogrossense, em relação à educação.

A Análise do Discurso tem seu campo de determinação discursiva no contexto sócio-histórico, como já vimos anteriormente. Esta constituição, em relação ao enunciado, se dá dado ao fato do processo histórico educacional brasileiro.

No Brasil colonial nem todos tinham acesso à escolaridade. Os negros, por exemplo, não tinham as mesmas oportunidades e acesso à escolaridade como os aristocratas. Já no militarismo não se tinha espaço para discutir sobre a educação. As pessoas que tinham acesso à escola eram preparadas com objetivos específicos de habilitar a mão de obra barata através de técnicas. Depois dos anos 30, entre crises governamentais e crises econômicas, a popularização e democratização do ensino decorrem em desvalorização do ensino público e atinge um patamar educacional insustentável. O desvio de verbas do setor educacional é muito grande, fato este que sacrificou os profissionais da área pela baixa remuneração e a falta de recursos para desenvolver um trabalho coeso e sério, redundando então em trágicos transtornos para a educação pública no Brasil.

A necessidade de se resgatar a qualidade do ensino público com todas as suas implicações se nos impõe no cenário nacional, tendo em vista uma democratização do ensino público agregada à quantidade e, com isso, a banalização. As últimas décadas foram marcadas pelo retumbar dos gritos dos movimentos e campanhas nacionais em defesa da escola pública. Movimentos estes que não lograram êxito até os dias de hoje. Por isso, tal enunciado é proferido pelo presidente local do SINTEP, numa assembléia, buscando na memória discursiva os sentidos militaristas de arregimentação exercida à população. Vê-se travada uma revolução entre as classes sociais, na qual, segundo o sujeito enunciativo, a educação constituir-se-á na arma em potencial, para desbaratar a classe dominante, representada pelo governo do estado.

O sujeito-enunciador, sob a lente da Análise do Discurso, passa por estas determinações históricas. Vemos, então, um sujeito-enunciador interpelado pelas formações discursivas que o constituem, dadas as suas condições de produção. Portanto, temos para Análise do Discurso, um sujeito assujeitado.

Análise do texto

Analisaremos um texto produzido por uma aluna do 3º magistério da Escola Estadual Dormevil Faria, o qual está anexado neste trabalho, à luz das teorias da Enunciação e Análise do Discurso. Procuraremos focar o sujeito, estabelecendo um paralelo de seus diferentes modos de enxergá-lo.

Na perspectiva da teoria gramatical normativa², em que o sujeito está inscrito na estrutura frasal, como vimos anteriormente, poderíamos levantar do texto em análise vários sujeitos e classificá-los da seguinte forma:

a - “Os shoppings são lugares”.

Sujeito simples: Os shoppings.

b - ... “os adolescentes, crianças, gostam de estar”...

Sujeito composto: os adolescentes, crianças.

c - “O shopping Plaza em Osasco se acabou, explodiu”...

Sujeito simples: O shopping Plaza em Osasco.

d - ... “Todos entraram em pânico”.

Sujeito simples: Todos.

e - ... “os bombeiros por sua vez, acudiu alguns dos feridos”.

Sujeito simples: os bombeiros.

f - “O Shopping Plaza, era o ponto de divertimento para os adolescentes”.

Sujeito simples: O Shopping Plaza.

g - ... “a tragédia não foi um espetáculo”.

Sujeito simples: a tragédia.

Porém, como esta análise não se constitui nosso interesse maior, buscaremos fazê-lo mais aprofundadamente a partir da Teoria da Enunciação, *à priori*.

A teoria da Enunciação apresenta como sujeito, o sujeito-enunciador que é a autora do texto, ou seja, a aluna Elenice do 3º magistério.

“E.E. de 1º e 2º graus Dep. Dormevil Faria.

Aluna: Elenice Ferreira Pescada, nº 9.”

No texto, o sujeito-enunciador narra o fato ocorrido e expõem algumas de suas idéias, como:

“Os shoppings são lugares onde, os adolescentes, crianças, gostam de estar por serem limpos, divertidos e passeiam sem risco”.

Na Teoria da Enunciação o sujeito é dono de suas palavras e os sentidos apresentam-se como que originados nele.

As condições de produção ou o contexto enunciativo desta produção foi a sala de aula, a partir de propostas feitas pelo professor, instaurando o AQUI/AGORA. No caso, o sujeito-enunciador é o aluno (EU), enquanto que o seu interlocutor é o professor (TU).

² Não nos esqueçamos que nesta teoria o sujeito é considerado como aquele que pratica ou sofre a ação.

"Aluna: Elenice Ferreira/Profª. Cleonice Maria".

O referente utilizado pela aluna foi a tragédia no *shopping*, em Osasco, algo que foi muito marcante e bastante divulgado pela imprensa.

"O Shopping Plaza em Osasco, se acabou, explodiu".

Como podemos ver, o sujeito-enunciador na Teoria da Enunciação instaura a linguagem como contexto imediato enunciativo, no qual o *Eu* se faz princípio ativo e gênese do dizer. O sujeito da Teoria da Enunciação é onipotente e age sobre as circunstâncias, demonstrando sobre elas todo o poder de controle, definindo, descrevendo, narrando, etc...

Por um outro lado, a Análise do Discurso opera com o sujeito determinado sócio-historicamente e inscrito em formações discursivas, por isso ocupa diferentes lugares ideológicos, como já dissemos anteriormente.

Nesta produção em análise, o sujeito-autor, enquanto organizador do texto apresenta-se como sujeito bastante idealista pois é crédulo no estabelecimento do paraíso nas grandes metrópoles, e revela-se ao dizer:

"Os shoppings são lugares onde, os adolescentes, crianças, gostam de estar, por serem limpos, divertidos e onde passeiam sem risco".

E ainda neste exemplo citado acima o sujeito é interpelado pela imprensa televisiva, pois seu discurso foi determinado pelo discurso da propaganda. Seu imaginário de *"shopping"* está totalmente domesticado pelas imagens televisivas.

O sujeito-autor está sendo contraditório, ao dizer: *"os shoppings são lugares... onde passeiam sem risco"* e depois dizer: *"O Shopping ... se acabou, explodiu"*. No primeiro enunciado, o sujeito reproduz o discurso da propaganda, e no segundo, o discurso do noticiário, e quando enuncia, produz um sentido que conseqüentemente está anulando outro possível.

A inscrição ideológica desse sujeito-autor caracteriza sua discriminação em relação às pessoas idosas. Nesta produção o sujeito-autor fala das pessoas somente na fase da adolescência,

"era o ponto de divertimento para os adolescentes",

como se as outras pessoas, que não adolescentes, não se divertissem.

Em decorrência à crise da economia brasileira, em que a população vive, temos uma situação de miséria e desemprego. Surge, portanto, o pensamento ligado às necessidades econômicas do país, que é o emprego, o que justifica o trecho:

"além de ser um local de diversão, gerava emprego".

A Análise do Discurso enxerga o sujeito assujeitado, como vimos nesta análise e a determinação do sujeito é social e histórica, inscrita numa formação discursiva.

Considerações finais

As teorias discutidas neste trabalho são as que estão permeando os estudos nos campos lingüísticos nos últimos tempos e estão tendo um grande número de pesquisadores, os quais estão aprofundando-se na reflexão sobre o fenômeno lingüístico.

As mudanças e descobertas de novas perspectivas lingüísticas e os diferentes tipos de reflexão contribuem para os diferentes enfoques e postura do profissional da educação, especificamente àqueles que atuam na área de Letras.

Trabalhar a concepção de sujeito sob o olhar de diferentes teorias, implica diferentes posturas e diferentes práticas em sala de aula. Encararmos esta questão de frente, se nos impõe, visto que *não há linguagem sem sujeito e nem sujeito sem linguagem*, e é na linguagem que o homem se constitui como sujeito, *“porque só a linguagem fundamenta a verdade”*.

Sentimos que este trabalho possui uma abordagem necessária por tratar-se do sujeito, e ainda, vê-lo em perspectivas teóricas diferentes, abrindo espaço, então, para pensar como o sujeito se apresenta em tais teorias. A fundamentação teórica dos profissionais da educação é um item de grande importância, pois conhecer as respectivas origens e como funcionam as teorias é de fundamental riqueza para o “fazer pedagógico”, pois conhecimento e segurança devem andar juntos no setor educacional.

Em se tratando da Teoria da Análise do Discurso e da Enunciação que operam com o sujeito assujeitado e onipotente, respectivamente, têm a mesma aceitação e igual valor, o que importa é conhecê-las bem, de modo que haja coerência na prática de sala de aula ou na pesquisa.

Anexo

“E.E. de 1º e 2º Graus “Dep. Dormevil Faria”

Aluna: Elenice Ferreira Pescada n.º 09

Série: 3º HM Prof. Cleunice M.^a.

Narração:

Explosão no Shopping

Os Shoppings são lugares onde, os adolescentes, crianças, gostam de estar, por serem limpos, divertidos e onde passeiam sem risco. Numa determinada terça-feira ao meio dia aconteceu um terrível desastre: O Shopping Plaza em Osasco, se acabou explodiu, todos estavam em pânico e aos gritos, os bombeiros por sua vez, acudiram alguns dos feridos.

O Shopping Plaza, era o ponto de divertimento para os adolescentes, além de ser um local de diversão, gerava emprego.

Na verdade, a tragédia não foi um espetáculo, mas tristeza e desespero.

BIBLIOGRAFIA

BENVENISTE, Emile. Problemas de Linguística Geral I e II, Editora da Unicamp: Campinas. 1995

CERVONI, Jean. A Enunciação . Editora Ática: São Paulo, 1990.

FIAD, Raquel Salek. Ensino da Língua Materna. Revista da Unicampi, 1994.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de Linguagem e Ensino de Português. Revista da Unicampi. 1994

MAINGUENEAU, Dominique. Novas Tendências em Análise do Discurso
Editora da Unicamp: Campinas, 1993.

NEDER, Maria Lucia Cavalli. Concepções de Linguagem e o Ensino de Língua Portuguesa. (LETRAS-IL-UFMT)

PAGLIARINI, Maria Inês. O sujeito na/da Prática de Produção de textos em Revista.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Discurso e Leitura. Editora da Unicamp: Campinas 1988.

RAMANZINI, Haroldo. Introdução à Linguística Moderna. Ícone Editora: São Paulo, 1990.